

## MANHÃ MOLHADA DE TATACO

### WET MORNING OF TATACO

### MAÑANA HÚMEDA DEL TATACO

 Durval Rabelo Guimarães Filho<sup>1</sup>

1. Professor da SED-MS, poeta e escritor. Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (IFMS). E-mail: durvalgfilho@hotmail.com

**ABSTRACT:** A child with adult obligations helps his mother and younger sisters as he tells us about his anxieties, some moments lived during a hard life and the hope for a better life. The water that wets the story washes over Tatabaco's soul, like crying. Although difficulties can bring sadness, they also bring learning and when you have a mother who loves her children, the dream does not die.

**Keywords:** Social criticism. Poor family. Youth dream.

**RESUMO:** Uma criança com obrigações de adulto ajuda a mãe e as irmãs menores enquanto nos conta seus anseios, alguns momentos vividos de uma vida dura e a esperança por uma vida melhor. A água que molha a história lava a alma de Tatabaco, como um choro. Embora as dificuldades possam trazer tristezas, elas também trazem aprendizados e quando se tem uma mãe que ama seus filhos o sonho não morre.

**Palavras-chave:** Crítica social. Família pobre. Sonho juvenil.

**RESUMEN:** Un niño con obligaciones de adulto ayuda a su madre y hermanas menores mientras nos cuenta sus angustias, algunos momentos vividos durante una vida dura y la esperanza de una vida mejor. El agua que moja la historia baña el alma de Tatabaco, como un llanto. Aunque las dificultades pueden traer tristeza, también traen aprendizaje y cuando tienes una madre que ama a sus hijos, el sueño no muere.

**Palabras-clave:** Crítica social. Familia pobre. Sueño juvenil.

Recebido em:15/02/2023

Aprovado em:28/03/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

## MANHÃ MOLHADA DE TATACO

Aquela noite estava chuvosa demais para a nossa casa, goteiras mijavam o chão de terra batida, era certo que o calor diminuía e o barulhinho da sinfonia das águas era um bom convite para dormir. Dito e feito, sono profundo até a madrugada, quando o desejo líquido inflava a pequena parte do meu corpo de menino. Não teve jeito, levantei, mas a chuva ainda caía e o banheiro lá fora, no fundo do quintal, tirou meu ânimo. O sono, o desejo de me aliviar, a chuva, a vontade de retornar à cama, tudo num segundo corria a mente e ela, embora sonolenta, iluminou a ideia: a garrafa de transportar leite que a mãe buscava no sítio do seu Jiló. Sim, ela mesma, estava ali bem pertinho. Então, depois da cortina que servia de parede entre o quarto e a cozinha, andei bem devagar para não acordar a mãe e as irmãs. Fiquei na posição, mirar não carecia, para que atirar de longe, fui logo soltando dentro da garrafa a minha chuva que parecia grande e aliviei...

O tempo ruim impedia que fosse trabalhar com a mãe e as irmãs, isto é, somente quem trabalhava mesmo para valer era eu e a mãe Catarina. A pequena Sheila, de três anos, era cuidada pela minha irmã mais velha, Virna, de seis. Todos nós íamos juntos para o serviço no lixão de Campo Grande. Mãezinha não deixava as meninas sozinhas em casa. Apesar de pouca idade, nove anos, eu tinha responsabilidade

porque do meu trabalho (mais o da mãe) a nossa família dependia. Pai eu não sei direito como é, meus amigos me contavam, eu mesmo via como era lá os deles. O meu não conheci, minha mãe nem falava dele, eu nem perguntava. Falta ele não fazia...

Eu já tinha acordado e estava pensando na cama quando a mãe me chamou:

– Levanta Tataco, meu filho, levanta.

– Depois, mãe.

– Vai buscar leite para sua irmã.

– Leite!

Levei um susto, lembrei-me da garrafa cheia de mijo que eu deixei na cozinha.

Sua irmã está chorando com fome.

– Estou indo, mãe, já vou.

Levantei-me rapidamente, fui logo indo buscar o leite da vaca Princesa, tão depressa, que acho que a mãe desconfiou. Pelo caminho joguei o líquido fedido, ainda morninho, lavei com muita água, chacoalhando, como tinha visto na TV, aquele ganhador de corrida de Fórmula Um, com uma garrafa grande que espirrava longe.

A mãe estava nervosa, aquela chuva não parava, não podíamos ir trabalhar. Se ao menos fosse chuva leve, dava para ir e faturar um pouco. Procurei acalmar aquela por quem muito admirava:

– Preocupa não mãezinha, logo a chuva passa e a gente acha bastante coisa que juntou lá.

– Eu sei filho, estou calma.

Embora tenha ouvido ela falar, dizendo que não estava nervosa, não me convenceu. Eu sabia o que a deixava tão aflita. Faltavam dois dias para vencer a prestação da geladeira que comprou usada da tia Verônica. E mãe preocupava-se muito com as dívidas, ela até não ia comprar, mas acabou aceitando de tanto que a tia insistiu. Certas coisas eu não entendia, como pode uma pessoa pobre se preocupar tanto com as obrigações e ainda respeitar compromissos quase impossíveis de realizar. Mãezinha era assim...

– O que você tanto pensa Tataco, que nem tocou no leite? Bebe, vai, bebe logo, hoje não tem pão.

– Não quero leite hoje, não estou com fome. – A mãe olhava-me desconfiada e eu tentava pensar rápido para responder algo que ela acreditasse. Então disse:

– Quando eu fui buscar o leite, seu Jiló me deixou apertar as tetas da Princesa e eu bebi leite espirrado direto na boca.

– Que história é essa, menino?

– Há, há, há! Maninho, me leva lá, eu também quero beber assim.

– Se a mãe deixar eu levo, Virna.

– Para com isso, é perigoso beber direto na teta, – disse mãezinha – não faça mais isso Tataco!

Afinal consegui despistar, mas estava com fome, leite eu não queria e era só o que tinha. Se ao menos estivesse parada a chuva, nós íamos todos trabalhar lá no aterro sanitário e lá sempre tem iogurte de litro, que chega até geladinho, quando a gente acha, tem também maçã, laranja, só um pouco podre, e muito alimento que dá para aproveitar. É certo que esses alimentos não são o que mais nos atraíam. O nosso ganha-pão eram as latinhas de alumínio, as garrafas plásticas, papelão, fio de cobre, esse sim tem valor.

\*\*\*

A água que caía do céu não parava mesmo de desabar, aproveitei a enxurrada e fui brincar nas poças d'água com os amigos do bairro. Lá estavam o Getúlio, Claudinho, Danilo e um menino que eu não conhecia, amigo do Claudinho, que se chamava Rodrigo. Ele era bem diferente da gente, tinha medo de pôr os pés na enxurrada, parecia que não queria se sujar na lama. Muito estranho mesmo, porque o que é mais agradável na brincadeira é justamente o barro que lava o corpo todo da limpeza que a mãe tanto quer ver na gente. Aquele líquido viscoso da lama é pomada que cura os males de tudo que é injustiça neste mundo. É maravilhoso porque realmente agrada quando nós jogamos bola no campo de terra molhada, argila que escorrega e nos faz equilibrista, nos faz felizes por ver tantos tombos e tanta cara suja a misturar os sorrisos da gurizada.

Não demorou muito para o Rodrigo mudar o seu jeito de ser, meio riquinho demais, e se tornar um bom parceiro. Eu gostava de conversar com ele, por isso me tornei logo seu grande amigo, como também eu era do Claudinho. O que me chamava à atenção era o fato dele ser o único da turma que estudava, cursava a terceira série, sabia ler, escrever, fazer contas, e o que mais me espantava, era que ele tinha um pai que morava com ele.

Eu sempre lhe perguntava com interrogação nos olhos e ele me respondia sem ter que falar. Era inteligente, muito embora o que nós o ensinávamos, como se portar na vida ou como ser um verdadeiro homem, por exemplo, era muito mais valioso do que aquela inteligência toda que ele aprendia na escola.

Um dia sei que a minha vida vai melhorar, vou poder ajudar mais minha mãe e as irmãs, eu ainda vou para uma escola como a do Rodrigo, trabalhar e ganhar meu salário todo mês. Continuarei me divertindo com os amigos e vou então poder ter orgulho do meu país. Vou ser um Ronaldo ou um Neymar, menino que já foi pobre e que joga bola; mas o meu esporte vai ser outro, vai ser o da solidariedade. Serei um professor que ensina as crianças que não sabem ler, assim como eu. Sei de ouvir falar, vergonha eu não tenho, a mãe diz que dedicação e a força de vontade são instrumentos a favor do progresso pessoal. E quando eu for professor, aí sim, eu conto a minha história, mas isso é lá para o futuro. Agora, me deixa correr lá para o aterro, que a chuva acabou e a mãe já está esperando.